

A REPRESENTAÇÃO DO PÍCARO E A SOBREPOSIÇÃO DA FIGURA DO ANTI-HERÓI NA OBRA LAZARILHO DE TORMES

Mirelle Almeida Oliveira
Ana Margarita Barandela García²

Resumo: Considerando a importância do romance picaresco na literatura espanhola a partir do século XVI e o contexto político e socioeconômico no qual se desenvolve o gênero, este trabalho teve como objetivo analisar a figura do pícaro, personagem central da picaresca, e a figura do anti-herói na obra espanhola anônima *Lazarillo de Tormes*. Tendo em conta o panorama ideológico no qual se encontra a obra, analisaram-se os fatores que rodeiam o personagem protagonista Lázaro a fim de responder as seguintes perguntas: Quais eventos vão mostrar a sobreposição do anti-herói no desenrolar da história? Como se constitui a ocorrência do par herói/anti-herói na obra? Para isso, foram utilizadas, como base teórica, obras de Felipe B. Pedraza e Milagros Rodríguez (1980) e de Mario M. González (1994) para contextualizar a sociedade espanhola da época e para entender os aspectos sociológicos e psicológicos do personagem, assim como o aparecimento da figura do anti-herói em *Lazarillo de Tormes*; também foram utilizados os estudos de José Luis González Escribano (1981) para o esclarecimento do conceito de anti-herói na Teoria da Literatura. Portanto, de acordo com os estudos realizados, é conveniente concluir que, devido às condições impostas pela sociedade ao personagem, a figura do pícaro anti-herói é despertada como uma necessidade de sobrevivência em meio ao caos político, social e econômico instaurado pela aristocracia espanhola.

Palavras-Chave: Literatura espanhola. Renascimento. Pícaro. Anti-herói.

Resumen: Considerando la importancia de la novela picaresca en la literatura española a partir del siglo XVI y el contexto político y socioeconómico en el que se desarrolla el género, este trabajo tuvo el objetivo de analizar la figura del pícaro, personaje central de la picaresca, y la figura del antihéroe en la obra española anónima *Lazarillo de Tormes*. Llevando en consideración el contexto ideológico en el que se encuentra la obra, se analizaron los factores que rodean al personaje protagonista Lázaro a fin de contestar a las siguientes preguntas: ¿Cuáles son los eventos que van a mostrar la sobreposición del antihéroe en el desarrollo de la historia? Y, ¿cómo se constituye el par héroe/antihéroe en la obra? Para eso, serán utilizados, como base teórica, obras de Felipe B. Pedraza y Milagros Rodríguez (1980) y de Mario M. González (1994) para contextualizar la sociedad española de la época y analizar los aspectos sociológicos y psicológicos del personaje y el aparecimiento del antihéroe en *Lazarillo de Tormes*, y los estudios de José Luis González Escribano (1981) para esclarecer el concepto de antihéroe en la Teoría de la Literatura. Por lo tanto, de acuerdo con los estudios realizados, es conveniente concluir que, a causa de las condiciones impuestas por la sociedad al personaje, la figura del pícaro antihéroe es despertada como una necesidad de supervivencia en medio al caos político, social y económico establecido por la aristocracia española.

Palabras Clave: Literatura española. Renacimiento. Pícaro. Antihéroe.

Considerações iniciais

¹ Graduada em Letras Espanhol e Graduanda em Letras Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas

² Professora Doutora do curso Letras Espanhol da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas

O pícaro, uma figura que emerge nas letras hispânicas a partir do século XVI, ganha uma importância na literatura por sua inovação e seus aspectos realistas, contrapondo-se à idealização do herói clássico (modelo ético de comportamento a ser alcançado). Esse personagem segue outras direções, muitas delas não legais ou aceitas pela sociedade como ações positivas, o que o classifica como um anti-herói.

O anti-herói é uma figura que sai do lugar comum, do padrão estabelecido por uma sociedade que guardava valores e princípios medievais, inspirados nas novelas de cavalaria, e que se apresenta no personagem protagonista na obra *Lazarillo de Tormes* (2012), o qual realiza sua trajetória de vida direcionado por um fator fundamental: a fome.

Com a desarticulação e o enfraquecimento do feudalismo e a passagem para um novo sistema, o capitalismo, os camponeses empobrecidos migraram para as cidades e, dessa forma, o aumento de mendigos e vagabundos na população urbana europeia no final do século XVI e início do XVII foi significativo. Nesse cenário, podemos nos deparar facilmente, em vielas ou em mansões, com esse personagem denominado pícaro (CHARTIER, 2004).

A etimologia da palavra pícaro, muito discutida ao longo dos anos, sofreu várias tentativas de definição. Uma das interpretações mais antigas faz relação com o latim, onde o termo teria o significado de “miserável”, devido ao tratamento que os romanos davam aos prisioneiros, os quais eram presos em um “pique” ou lança cravada no chão. Há também a definição na qual a palavra adquire o significado de “abrir caminho a golpes, com esforço”, que deriva do verbo picar. A partir de então, esse termo passa por várias acepções, como a relação com o jovem que ajudava na cozinha, que picava a carne e outros alimentos ou trabalhava em troca de comida, até chegar ao “ladrão”, “mendigo”, “pobre”, que vivia à margem da sociedade (ZAMORA, 2002). É com esta última conceituação, firmada com a crise socioeconômica europeia feudal, que o presente artigo trabalhou.

Vindo de pais desonrosos, na maioria das vezes, ladrão, bruxa ou prostituta, o pícaro não tem chances legais de sobreviver e aspirar uma ascensão social e econômica a não ser por meios marginais. Ele se apresenta como uma vítima de erros e pecados que não são seus, mas, diante do contexto sociopolítico em que vive, tem que carregar essa herança maldita, incorporada e firmada pelo determinismo genético (PEDRAZA; RODRÍGUEZ, 1980), e essa condição o faz atuar como um anti-herói.

O anti-herói, tão comumente visto em nosso meio, seja através da literatura, do cinema ou de telenovelas, não possui grandeza ou força como o herói épico, age por outras vias e segue

outras direções, mas ele sempre obtém a aprovação de seu leitor/telespectador, seja pelo seu carisma ou sua engenhosidade.

No decorrer do tempo, o gênero picaresco, aquele que conta a vida dos personagens pícaros, ganha ênfase e se difunde na Espanha e floresce na Europa entre os séculos XVII e XVIII. A partir de então, o pícaro, esse novo protagonista que emerge nas letras hispânicas, se expande e adquire características diferentes ao passar do tempo e a depender do autor. Ademais disso, influenciou também – e continua a influenciar – a literatura moderna e é objeto de estudo da academia contemporânea brasileira, como podemos ver nos estudos de doutorado desenvolvidos por Jesana Batista Pereira, *Mazzaropi: um pícaro na Pátria Jeje de Exu* (2007), e João Evangelista Nascimento Neto, *Perambulações de João Grilo: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-)herói popular* (2014), só para citar alguns.

Partindo, então, desse panorama, este trabalho considerou dentro do Renascimento Espanhol a importância do romance picaresco, tendo como representante *Lazarillo de Tormes*, traçando algumas características do gênero e do pícaro, o desenvolvimento do protagonista Lazarillo como um personagem anti-herói e como se constitui a ocorrência do par herói/anti-herói na obra. Para a realização deste artigo, foi usada a edição bilíngue do ano de 2012, organizada e com notas e estudo crítico de Mario M. González. A edição, traduzida por Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves e publicada pela Editora 34, contém 224 páginas, é dividida em 7 tomos, ou tratados, e teve como base a versão de 1554, que foi encontrada em 1992 em Barracota, e sua linguagem, que beira um espanhol arcaico, foi mantida ao máximo, segundo explicam os tradutores.

Renascimento e Lazarillo de Tormes

O Renascimento Cultural, que ganhou maior visibilidade em território espanhol no século XVI, estabelecido dentro do período chamado Século de Ouro, trouxe consigo ou aprimorou o desenvolvimento de uma riqueza artística muito expressiva. Ao tempo que deixa para trás alguns gêneros anteriores, ele inova com outros que vêm romper com a exaustão daqueles já existentes. Um exemplo disso é a picaresca, considerada uma contraposição ao romance de cavalaria, que, ao invés de um mundo idealizado, que enaltece os valores do cavaleiro andante e sua honra, e que aparece cheio de dragões, de seres mitológicos ou de batalhas que mudariam o rumo da história e da nação, se concentrará em um indivíduo e em suas condições miseráveis de vida por meio de aspectos realistas.

Enquanto o romance de cavalaria tem como centro um nobre honrado, irrepreensível em seu caráter e valores, a picaresca vai tratar de uma figura marginalizada: o pícaro, um personagem que sempre esteve presente na sociedade, mas que se solidificou com as circunstâncias socioeconômicas da Europa do século XVI.

Nesse período se difunde na Europa o humanismo, movimento intelectual emergente que se expandiu durante o Renascimento. Essa corrente filosófica coloca o ser humano no centro e valoriza um saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana. Portanto, as obras desse período dão importância às temáticas humanas, tomando como centro o indivíduo e seus dramas.

Dentro desse contexto e da picaresca, surge *Lazarillo de Tormes*, obra anônima que traz um personagem que apresenta ainda características do homem medieval, pois está condenado ao seu status social, mas ele tem o poder de se locomover e, enfrentando os contras, vai em busca de uma melhoria de vida e de mudar o seu destino.

Em forma de relato autobiográfico carregado por uma sátira social e uma intenção moralizante, ainda que menos forte que nas obras que dão continuidade ao gênero, a narrativa de *Lazarillo de Tormes* foge dos modelos clássicos, os quais incorporavam personagens de índole honrosa e de linhagem igualmente incontestável.

O personagem picaresco, através de sua constante locomoção e sua passagem por diferentes amos, nos mostra, por meio de suas aventuras, os dois lados de uma mesma moeda: luxúria/pobreza, pois o pícaro é um personagem que vaga, que não se fixa em nenhum lugar, e graças a essa característica de deslocamento podemos visitar os dois lados de uma sociedade da qual parece que nosso protagonista não faz parte (PEDRAZA; RODRÍGUEZ, 1980).

Após a obra, surgem outras que são consideradas, junto com ela, o núcleo do gênero picaresco espanhol, são elas: a primeira (1599) e a segunda (1604) partes de *Guzmán de Alfarache*, de Mateo Alemán, e *El Buscón* (1626), de Francisco de Quevedo. Posteriormente, entre o século XVII e XVIII, a Europa vai produzir obras inspiradas no romance picaresco, principalmente Alemanha, Inglaterra e França. Nos dois séculos seguintes, XIX e XX, é a vez da literatura ibero-americana apresentar, de uma forma proposital ou não, características da picaresca espanhola (GONZÁLEZ, 2012).

Sendo como for, é certo considerar a obra em sua importância, tanto no aspecto social como no literário. *Lazarillo de Tormes* revela um personagem que não está longe do real e uma

sociedade que se lê e se revela na História. Como material literário, a obra anônima é um dos fundamentos da modernidade literária, pois é considerada a gênese da picaresca e é um marco para a literatura, pois ela não só inova por ser o pontapé do gênero picaresco, mas, também, por abrir caminho para uma nova modalidade narrativa: o romance (GONZÁLEZ, 1992).

Traços

A picaresca espanhola tem alguns traços que a caracterizam como tal. *Lazarillo de Tormes* inicia o gênero e meio século depois aparece outra obra: *El Guzmán de Alfarache* (1599), de Mateo Alemán. Entre um livro e o outro, além dos anos, há muitas diferenças, mas há aspectos em comum que permitem classificar o romance picaresco dentro de uma mesma linha literária.

Um dos traços selecionados por Pedraza e Rodríguez (1980) é o caráter autobiográfico, no qual o personagem protagonista é o narrador de sua própria história. Ele interage com alguém que pode ter pedido que ele conte suas aventuras – é o caso de *Lazarillo de Tormes* – ou com o leitor – que é o caso de outros romances picarescos, como *El Guzmán de Alfarache*.

Já que ninguém quer estar a cargo de um personagem marginalizado, despido de honra e glória, o pícaro toma o poder da palavra e conta sua própria história, que não vai tratar de nenhuma batalha épica, mas da luta pela sobrevivência em uma sociedade que ainda preza a honra e a nobreza.

Um outro traço destacado no gênero é o caráter itinerante do relato, que está acentuado pela pintura satírica e irônica dos variados setores da sociedade na qual vive o pícaro. Por ter vários senhores, o personagem tem o poder da locomoção e, assim, conta sua perspectiva dos diferentes estamentos sociais através de um relato negativo. E essa negatividade geralmente está mascarada pelo humor e a ironia.

Na picaresca é normal a intenção moralizante que assume a narrativa, principalmente nas obras da segunda parte do gênero, que estão fortemente influenciadas pela Igreja. Mas essa característica pode ter diferentes graus de representação. Pedraza e Rodríguez (1980), citando Valbuena Prat (1966), nos apresentam três grupos nos quais classificam o romance picaresco: o primeiro é o grupo de romances isentos de sermões morais, que é representado por *Lazarillo de Tormes*; o segundo são os romances com perfeita fusão de ética e picaresca, encabeçado por *Guzmán de Alfarache* e o terceiro grupo são aqueles em que o moral e o picaresco estão

misturados, mas não chegam a fundir-se, e é representado por *La pícaro Justina* (1605), de Francisco López de Úbeda.

Lazarillo de Tormes, segundo Herrero García (1937, apud PEDRAZA; RODRÍGUEZ, 1980), assim como as demais obras que formam o núcleo do romance picaresco, tem o aspecto moralizante, mas ele está contido unicamente em sua biografia e experiências pessoais, e visualizamos isso melhor na atitude final de Lázaro, quando ele por fim muda de vida e parece se retratar dos seus erros do passado.

A vida do pícaro se resume em duas etapas: o pecador arrependido – o que narra a história desde um tempo presente, já numa fase adulta e com um discurso marcado pela ironia, – e o pecador antes do arrependimento, que é o pequeno Lázaro, cuja narrativa acontece desde um tempo passado-presente, suas aventuras são contadas junto com as desgraças que as acompanham, sendo o discurso, neste caso, marcado pela inocência e a comicidade. E tanto o pícaro arrependido como o pecador servem de lição para o leitor.

Outro aspecto que vale destacar é o caráter episódico. O romance picaresco é constituído por uma série de episódios e personagens cuja ligação ou ponto de encontro é o protagonista, que é comum a todos eles. Devido a esse caráter, uma obra picaresca pode ser lida a partir de qualquer capítulo, já que eles são, de certa forma, independentes, mas, de acordo com Pedraza e Rodríguez (1980), uma leitura assim poderia comprometer o acompanhamento da evolução do personagem principal.

Por último, os autores citam a personalidade do pícaro, trazendo alguns traços gerais nos quais enquadram todos os personagens pícaros. E citando Valbuena Prat (1966) novamente, Pedraza e Rodríguez (1980) nos oferecem dois retratos do pícaro, que estão, de certa forma, ligados entre si e que incorporam o personagem com maior ou menor intensidade: o mentiroso, ladrão, preguiçoso, que está disposto a qualquer coisa para sobreviver, e o engenhoso e astuto, que usa sua inteligência para resistir às circunstâncias adversas. Neste caso, então, a palavra “roubo” pode ser esmaecida pelo instinto de subsistência, levando em conta que a fome é o ponto de partida do romance picaresco. *Lazarillo* faz parte deste último quadro, pois não mente ou rouba por diversão, mas para sobreviver.

É importante destacar também que o pícaro, apesar de cometer atos ilegais, não é um criminoso. Ele engana, mas não mata ninguém; é contra a violência. Isso está baseado na convenção literária e na exemplaridade, pois a picaresca deveria se adequar à Contrarreforma e

à fiscalização da Igreja, por isso a imoralidade, que fica em um segundo plano, é disfarçada pelo riso, que assume o primeiro (PARKER, 1971, apud PEDRAZA; RODRÍGUEZ, 1980).

De maneira geral, “O pícaro é um vagabundo solitário que olha os outros com desprezo e ironia, por isso que ele os mostra tão ridículos e enganosos, tal como ele os vê desde seu ressentimento do qual surge toda sua filosofia do desengano [...]” (PEDRAZA; RODRÍGUEZ, 1980, p. 237, tradução nossa).³

Do pícaro ao anti-herói

Lazarilho ou Lázaro, o protagonista de nossa obra, nascido em Salamanca, na Espanha, dentro do Rio Tormes – por isso seu sobrenome –, depois de adulto nos conta sua história e o livro nos é apresentado como um diário de viagem direcionado a algum personagem de Toledo ao qual é referido como: “Vossa Mercê”. É como se Lázaro olhasse para trás desde seu momento presente e começasse a relatar sua própria história. E para que o leitor ganhe simpatia por ele, esclarece logo que veio de pais sem prestígio social e sem nenhuma honra, por isso carrega um fardo hereditário.

Em toda sua trajetória, da infância à juventude, Lazarilho serve a sete amos: cego, clérigo, escudeiro, frade, buleiro, capelão e meirinho, e cada um desses senhores corresponde a um tratado do livro. Com cada um Lázaro tem aventuras, mas também decepções. No entanto, todos eles são importantes na construção de sua personalidade como anti-herói, pois com cada amo Lázaro aprende algo e desenvolve sua astúcia. Também, com esses senhores, ele descende social e/ou moralmente. Temos, então, uma das principais características que distingue o anti-herói do herói épico.

Enquanto o herói luta para recuperar a honra perdida em algum momento de sua jornada e cada batalha serve para ele ascender em direção ao objetivo, o anti-herói tende a baixar cada vez mais, perdendo os escrúpulos e agindo muitas vezes de forma ilegal. E os motivos para tais ações podem variar de personagem para personagem, no caso de nosso pícaro Lazarilho de Tormes, a fome é a justificativa para suas ações.

³ El pícaro es un vagabundo solitario que mira a los demás con desprecio e ironía, de ahí que nos los muestre tan ridículos y engañosos, tal como él los ve desde su resentimiento del que surge toda su filosofía del desengaño (Ibid., p. 237).

Depois da morte do pai, sua mãe faz o que pode para que sobrevivam, ele e seu irmão mais novo. Lázaro mostra que desde cedo foi perseguido pela fome, elemento que se transforma no motivo da obra e pior inimiga do personagem.

No primeiro tratado, o mais longo da obra, Lázaro contextualiza sobre quem ele é, de onde veio e como iniciou suas aventuras, que começam ao lado do astuto cego, seu primeiro e mais importante mestre, pois o ensinou a sobreviver.

Antes de encontrar seu primeiro senhor, o cego, Lazarillo era um menino bom, que trabalhava honestamente ajudando a sua mãe, “[...] acabou de criar meu irmãozinho até que ele aprendeu a andar, e a mim, até ser um bom rapaz, que já servia para buscar vinho e velas para os hóspedes e fazer tudo mais que mandassem [...]” (ANÔNIMO, 2012, p. 33)⁴

Nos tratados seguintes, nosso personagem continua contando suas desventuras com os demais amos. Com alguns ele passou mais tempo e sofreu mais, com outros, passou pouco tempo, e isso corresponde com o tamanho dos capítulos ou tratados do livro.

Um exemplo de grande sofrimento foi com o segundo senhor, o clérigo, com quem Lazarillo chega ao auge da fome, e dessa forma uma versão mesquinha e hipócrita do clero é revelada. Com o escudeiro, seu terceiro amo, o personagem discute questões como a honra, tão valorizada por alguns, mas tão idealizada, tão de aparência, pois no fundo o que está por trás dela é pobreza e miséria. O quarto tratado é o mais curto da obra, e com o frade, seu quarto amo, que é amante das coisas mundanas, apesar de sua designação religiosa, Lazarillo ganha seus primeiros sapatos, mas que não duraram mais de oito dias, pois o homem andava demais e por isso e outras coisas, segundo o personagem, ele o deixou e foi em busca de outra pessoa para servir, e então encontra o buleiro. Com ele, Lázaro passa bem, e é com quem mais come, mas tudo às custas do engano, da mentira, e ele é cúmplice de tudo, como sempre e, apesar de estar acostumado à mentira para sobreviver, sente que é diferente rir-se e enganar os inocentes. O sexto tratado traz algo importante na ideológica ascensão socioeconômica de Lázaro, pois com o capelão ele aprende a negociar, distribuindo água, e tem seu primeiro trabalho assalariado, ou seja, já não trabalha pela comida apenas, mas por dinheiro, e com esse dinheiro ele compra roupa para vestir-se “honradamente”, portanto, ele deixa de ser um servo, para ser um trabalhador. E, por fim, no último tratado, depois de desistir de servir ao oficial de justiça,

⁴ [...] se acabó de criar a mi hermanico hasta que supo andar; y a mí hasta ser un buen mozuelo; que iba a los huéspedes por vino y candelas y por lo demás que me mandaban (Ibid., p. 32).

nosso protagonista-narrador chega ao ápice do que para ele é uma vida boa, mas para isso negligencia valores que ao longo do livro tanto defende através da crítica à sociedade vil e preocupada com as coisas seculares. E é nesse tratado que Lazarilho também chega ao ápice da sua condição de anti-herói, sendo a chegada aos seus objetivos, a uma “vida afortunada”, sem privações, mais importante que os meios pelos quais ele chegou a ela.

Tendo em vista todas essas situações citadas ao longo dos tratados, as críticas levantadas pelo personagem, embora no final ele se submeta aos moldes da sociedade que ele tanto parece desprezar, vamos encontrar em *Lazarilho de Tormes* os fatos apresentados, em muitas circunstâncias, por meio da ironia e do humor, o que acaba atenuando o peso dos dramas humanos ou mascarando as críticas sociais feitas pelo personagem-narrador. De acordo com Brait (2008),

[...] a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados. [...] Parece possível, a partir do instrumental oferecido por algumas linhas da análise do discurso, flagrar a ironia como categoria estruturadora de texto, cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação (BRAIT, 2008, p.16-17).

Na obra, a ironia aparece em diversos setores apresentados sob a perspectiva crítica do personagem: sociedade, religião, honra, inocência, entre outros. Podemos ver um exemplo de ironia no episódio sobre o pai de Lázaro, que por ser pego roubando foi condenado a cuidar do animal e das armas de um cavaleiro que ia para a armada de Gelves contra os mouros. Contudo, quando a mãe do menino lhe fala ao cego sobre seu ex-marido, ela o exalta como se ele tivesse morrido como um homem honrado, lutando para defender a fé. E o ápice da ironia está em ela dizer que esperava que Lazarilho não saísse pior que o seu pai, o que nos mostra que a mulher já sabia o futuro do filho, ou de qualquer um que viesse de um estamento tão baixo: “Ela, então, confiou-me ao dito cego, afirmando que eu era filho de um bom homem, que tinha morrido ao defender a fé na batalha de Gelves, e que ela acreditava, por Deus, que eu não sairia pior homem que meu pai [...]” (ANÔNIMO, 2012, p. 35)⁵.

Além da ironia, o humor está sempre presente em *Lazarilho de Tormes*, sendo fundido às situações e aos sentimentos do personagem, e a fome, como afirma Nunes (2004), é a

⁵ [...] y ella me encomendó a él, diciéndole cómo era hijo de un buen hombre, el cual por ensalzar la fe había muerto en la de los Gelves, y que ella confiaba en Dios no saldría peor hombre que mi padre [...] (Ibid., p. 34).

principal ferramenta que desencadeia o humor na obra, deixando as situações mais leves do que realmente são.

Levando isso em conta, é necessário ter em consideração que dentro de um contexto opressor, na sociedade e na literatura, a ironia e o humor são as ferramentas mais viáveis para revelar verdades. E, como a Inquisição proibia certas obras naquela época, a melhor forma de revelar a sociedade corrupta renascentista era maquiando-a. E é o que comumente faz Lázaro, que no começo se revela uma criança inocente, mas depois começa a tomar conhecimento do contexto no qual vive e esse contexto geralmente é apresentado por ele de forma negativa.

Entregue a um cego, que aparece na estalagem na qual a mãe trabalha, sob recomendações da mulher, Lazarilho, ainda menino, segue viagem com o homem. Nesse então, o rapaz ainda é ingênuo, mas após cair numa cilada que o cego lhe arma, ele perde a inocência e começa a ser mais atento.

- Ignorante! Aprenda que o guia do cego tem que saber um ponto mais que o diabo. E riu muito da brincadeira. Pareceu-me que naquele instante despertei da inocência em que, como criança, estava adormecido. Pensei lá no fundo “O que ele diz é verdade. Devo abrir bem os olhos e ficar esperto, pois sou sozinho e tenho que aprender a cuidar de mim [...]” (ANÔNIMO, 2012, p. 37)⁶

Como está claro nessa passagem, Lazarilho, nesse momento, sofre a perda da inocência acompanhada por uma reflexão, o que serve para enfatizá-la. O cego já não é apenas seu amo, mas seu mestre na arte da engenhosidade, e, apesar de cego fisicamente, foi o que lhe mostrou o caminho quando tudo estava escuro: “[...] dizia: - Nem ouro nem prata posso lhe dar, mas conselhos para viver lhe darei muitos. E foi assim que, depois de Deus, ele me deu a vida e, sendo cego, me iluminou e me ensinou a arte de viver [...]” (ANÔNIMO, 2012, p. 37)⁷.

O que fica evidente é que o menino, no início da narrativa, não está consciente de seus atos. Porém, após a pancada que levou na cabeça e o despertar que teve para a sua realidade, ele é moldado, “iluminado” e “ensinado” pelo cego, e é nesse momento que ele deixa de ser apenas um pícaro para se tornar, de forma mais evidente, também um anti-herói, pois suas ações passam a ser calculadas e ele sabe o que está fazendo.

⁶ - Necio, aprende, que el mozo del ciego un punto ha de saber más que el diablo. Y rió mucho de la burla.

Pareciome que en aquel instante desperté de la simpleza en que, como niño, dormido estaba. Dije entre mí: ‘Verdad dice este, que me cumple avivar el ojo y avisar, pues solo soy, y pensar cómo me sepa valer (Ibid., 2012, p. 36).

⁷ [...] decía: ‘-Yo ni oro ni plata te lo puedo dar, mas avisos para vivir muchos te mostraré.’ Y fue así que, después de Dios, este me dio la vida, y siendo ciego, me alumbró y adestró en la carrera de vivir (Ibid., p. 36).

Mas esse é apenas o começo, até estar pronto é preciso mais ensinamentos e mais deslizes para que possa realmente aprender a “se valer”. E só quando ele supera o mestre, enganando-o como ele o enganou, é que está pronto para seguir sozinho e como não tem mais a mãe para direcioná-lo a alguém, terá de ser astuto e sagaz para encontrar a quem servir.

Podemos notar neste primeiro momento da vida de Lázaro, tendo em conta que ele é um anti-herói, que o personagem tem sua primeira perda: a inocência, e, mais tarde, ainda com o cego, ele quase perde a vida. E sua jornada vai sendo pontuada de perdas – desde a de sua condição de criança até a perda de valores prezados pela sociedade renascentista espanhola – e de intranquilidade.

Levando em consideração o conceito de anti-herói estabelecido por González Escribano em seu texto *Sobre los conceptos de héroe y antihéroe en la Teoría de la Literatura* (1981), podemos observar que essa figura tão presente na literatura e no cinema na maioria das vezes é tida como uma negação do herói.

De acordo com o Diccionario de la lengua española, elaborado pela Real Academia Española (RAE), edição de 2014, anti-herói é: “1. m. Personagem destacado ou protagonista de uma obra de ficção cujas características e comportamentos não correspondem aos do herói tradicional” (tradução nossa)⁸.

Pelo fato de o herói ser visto como o portador de valores positivos é comum que o anti-herói, como consequência, carregue um conceito negativo e, assim, ser considerado a antítese do herói. Porém, considerando o conceito de anti-herói segundo o dicionário da RAE, veremos, como afirma González Escribano (1981), que o anti-herói não precisa ser aquele que incorpora valores contrários aos do herói, senão aquele que segue valores diferentes, o que não significa que sejam negativos, mas podem ser positivos desde outros pontos de vista, pois, como destaca o autor, os valores variam de acordo com a ideologia que se professa.

Tendo em conta a classificação de González (1994) sobre Lázaro ser um anti-herói por excelência, já que sua condição de pícaro o impulsiona cada vez mais por caminhos ilegais, nos resta ver os motivos principais que fazem o personagem tomar outros rumos que os do herói clássico, e eles são diversos. A fome, como já citada anteriormente, é um desses fatores. É o motor principal da narrativa picaresca. E para saciá-la, Lázaro começa a usar sua inteligência,

⁸ Personaje destacado o protagonista de una obra de ficción cuyas características y comportamientos no corresponden a los del héroe tradicional (Diccionario de la lengua española, 23ª ed. on line, actualizada en 2018).

suas artimanhas, “Vi claramente que ia para a sepultura, se Deus e minha sabedoria não me ajudassem” (ANÔNIMO, 2012, p. 69)⁹. Observando esse e outros trechos na obra, notamos que Lázaro sempre usa Deus como seu apoiador, como aquele que lhe concede luz para que ele formule planos e assim possa alimentar-se, e é nestes trechos que vemos tanto a ironia de Lázaro, que coloca Deus como cúmplice de seus atos ilegais, como sua capacidade calculista, seu desvio do que é religiosamente “certo”, características típicas do anti-herói.

Enquanto o herói clássico ascende, vai reconquistando os valores e a honra perdidos, Lázaro vai descendendo para poder sobreviver. E através dessa decrescência se satiriza a corrupção das autoridades eclesiásticas e a corrupção das próprias instituições, pois é o clérigo, seu segundo amo, muito mais mesquinho que o cego e por isso Lázaro deve realizar roubos muitos mais engenhosos para poder comer, como podemos ler no episódio em que rouba da arca do clérigo e o religioso pensa que o furto foi obra de algum rato ou serpente.

Ao longo dos tratados, Lázaro vai desmascarando a sociedade espanhola em diversos estamentos, principalmente no religioso e no social e, assim como a fome se constitui como principal motivo de emersão para a figura do anti-herói, a corrupção da igreja e da sociedade também é causa para o desenvolvimento desta figura.

E é com o clérigo que nosso protagonista irá colocar em prática e aperfeiçoar ainda mais o que aprendeu com seu primeiro e maior mestre, o cego. Lázaro não é mais apenas um pícaro, mas a consciência que lhe é despertada desde o episódio com o cego, faz com que ele comece a ter uma maior clareza de suas ações e da sociedade em que vive. E é essa consciência que lhe obriga a agir na ilegalidade.

Talvez possamos enxergar com mais nitidez a figura do anti-herói no último tratado quando Lazarelho chega a uma certa estabilidade social e de subsistência e, depois de todos os degraus que ele pensa que subiu, finalmente alcança sua “prosperidade e auge de toda boa fortuna” (p.183)¹⁰. E ao analisarmos desde o penúltimo capítulo, ou ainda todos os anteriores, percebemos que tudo contribuiu, cada passo, cada estratégia de Lázaro – inclusive seu trabalho no último capítulo como pregoeiro, que tinha valor, como afirma González (2012), mais pelo fato de criar pontes para favores do que propriamente pela “honra” da profissão em si –, foram

⁹ Vime claramente ir a la sepultura, si Dios y mi saber no me remediaron (Ibid., p. 68).

¹⁰ prosperidad y en la cumbre de toda buena fortuna (Ibid., p.182).

em prol dessa aparente ascensão, que por trás guarda uma hipocrisia, pois o personagem se casa não por amor, mas por interesse.

Depois de deixar o oficial de justiça, pelo perigo que a profissão oferecia, Lázaro encontra um arcipreste, que conhecendo a fama e o “bem viver” dele e que anunciava tão bem os seus vinhos, casou-o com uma de suas criadas que, segundo as “más línguas”, tinha um caso com o homem. Pelos benefícios que o matrimônio poderia lhe oferecer, Lázaro aceita a proposta ignorando o que falavam da mulher: “Por meio dela, Deus me concede mil graças, muito mais do que eu mereço” (ANÔNIMO, 2012, p. 181)¹¹, pois era através dela que ele gozava dos favores que a posição do arcipreste lhe concedia e, dessa forma, “[...] ficamos os três muito satisfeitos” (ANÔNIMO, 2012, p. 181).¹² Tendo, então, estes fatores destacados para a consolidação da figura do anti-herói, nos resta discutir como se dá o par herói/anti-herói na obra.

Além das diferenças já citadas ao longo deste trabalho entre o herói e o anti-herói: um ascende e o outro descende, um busca honra, glória, o outro, não tem e perde o que lhe resta, um vem de uma genealogia nobre, o outro, de uma miserável; percebemos também que o personagem que poderia representar o arquétipo de herói clássico em *Lazarillo de Tormes* é tratado de uma forma burlesca e irônica, e ao fazer isso temos uma percepção da exaustão do gênero cavalheiresco, o que fica evidente no tratado terceiro, cujo amo de Lázaro é um escudeiro: “E vai pela rua acima, com tão gentil aparência e garbo, que quem não o conhecesse pensaria tratar-se de um parente próximo do Conde de Arcos, ou, pelo menos, o camareiro que o ajudava a vestir-se” (ANÔNIMO, 2012, p. 111).¹³

O fidalgo, que agora não tem a oportunidade de atuar como os seus ancestrais na luta contra os mouros, vive esbanjando uma honra e uma riqueza que não tem. Além de estar falido, inclusive Lázaro pede esmola para sustentar os dois, se envolve com pessoas de “baixa categoria”, porque pela descrição que Lázaro faz das mulheres que viu com seu amo, após ele dizer que ia para a igreja, deixa subtender que eram prostitutas, e isso só mostra o quanto o escudeiro era hipócrita, que vivia de uma aparência forçada e exausta, desgastada.

¹¹ [...] y me hace Dios con ella mil mercedes y más bien que yo merezco (Ibid., p. 180)

¹² [...] quedamos todos tres bien conformes (Ibid.).

¹³ Y súbese por la calle arriba, con tal gentil semblante y continente que quien no le conociera pensara ser muy cercano pariente al conde de Arcos, o a lo menos camarero que le daba de vestir (Ibid., p. 110).

Apesar da roupa, da pompa, do semblante e da postura do escudeiro, ele se revela tão, ou mais, miserável quanto Lázaro, pois vive passando fome, a casa em que mora, descrita por Lazarilho como “encantada”, está caindo aos pedaços e não tem um móvel sequer, e nada disso o escudeiro confessa, tudo em nome da farsa na qual vive: “Oh, Senhor, quantos desses deve haver espalhados pelo mundo, que padecem pela desgraça que chamam honra o que não padeceriam pelo Senhor!” (ANÔNIMO, 2012, p. 113).¹⁴

Assim sendo, a figura do herói clássico, que no gênero literário anterior era exaltada e tomava um lugar central nas obras, em *Lazarilho de Tormes* é ridicularizada, não passa de falsa, tão encantada quanto a casa em que vivia o escudeiro, e vira fator de riso, enquanto o pícaro, o anti-herói, assume lugar de destaque em uma obra mais realista, ganhando vez e voz.

Considerações finais

A figura do anti-herói, tão palpável por suas características que nos são comuns, tem povoado há muito a literatura mundial e tem tomado o centro das obras. Vemos um personagem que muitas vezes, para atingir seus objetivos, sejam eles coletivos ou pessoais, sai da linha reta e negocia valores impostos pela sociedade. E em *Lazarilho de Tormes* podemos ver o personagem protagonista assumindo esse perfil para subsistir em meio ao contexto opressor que não o deixa esquecer quem ele é e qual o seu lugar.

Valendo-se do que tem e se desviando de todo o plano ideológico estabelecido pela aristocracia espanhola, o anti-herói em *Lazarilho de Tormes*, firmado pelas condições socioeconômicas e políticas da Espanha renascentista, aparece como uma necessidade básica de sobrevivência e ocupa um lugar de destaque na obra, enquanto o herói clássico vai perdendo espaço e é apresentado, na figura do escudeiro, como alguém que perdeu sua influência e credibilidade, cujos valores estão corrompidos ou já não estão mais em voga, assim como o gênero cavalheiresco.

O gênero picaresco nos oferece um material rico que nos faz refletir sobre muitos aspectos, desde literários até sociais, e é por isso que dá vazão a diferentes análises com diferentes perspectivas. Portanto, este trabalho é apenas uma análise da superfície do mar

¹⁴ Oh, Señor, y cuántos de aquestos debéis vos tener por el mundo derramados, que padecen por la negra que llaman honra lo que por vos no sufrirán! (Ibid., p. 112).

profundo que é *Lazarillo de Tormes*, principalmente no que diz respeito à figura do anti-herói que emerge na obra.

Referências

ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes**. [GONZÁLEZ, Mario M. (Org.). COSTA MILTON, Heloísa; ESTEVES, Antonio R. (Tradutores)]. São Paulo: Editora 34, 2012, 224 p. Edição bilíngue.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**, 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CHARTIER, Roger. A construção estética da realidade – vagabundos e pícaros na idade moderna. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 33-55, 2004.

GONZÁLEZ ESCRIBANO, José Luis. Sobre los conceptos de héroe y antihéroe en la Teoría de la Literatura. **Archivum**, Revista de la Facultad de Filología, Tomo 31-32, 1981-1982, p. 367-408, 1981. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/143985.pdf>>. Acesso em: 21.out. 2018.

GONZÁLEZ, Mario M. Prefácio. In: RODRÍGUEZ CÁCERES, Milagros (Ed.); **Lazarillo de Tormes**. Tradução Pedro Câncio da Silva. São Paulo: Página Aberta, 1992, p. 11-24.

_____. **A saga do anti-herói**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, 357 p.

_____. **Lazarillo de Tormes: estudo crítico**. In: _____ (Org.). **Lazarillo de Tormes**. Tradutores Heloísa Costa Milton; Antonio r. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 185-219.

NASCIMENTO NETO, João Evangelista. **Perambulações de João Grilo: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-)herói popular**. 2014. 244 f. t. 1. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/6905/4/462119%20v1.pdf>> Acesso em 22 nov. 2018.

NUNES, Geice Peres. A ironia e o humor no narrador protagonista na obra *Lazarillo de Tormes*. **Revista Ideias**, Santa Maria, v. 20, n.20, p. 94-99, 2004. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2020/a%20ironia%20e%20o%20humor%20no%20narrador%20protagonista.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

PEDRAZA, Felipe B.; RODRÍGUEZ, Milagros. **Manual de literatura española II. Renacimiento**. Cénlit Ediciones, 1980.

RAE. **Diccionario de la lengua española**. 23ª ed. Madrid: Espasa, 2014. Disponível em: < <https://dle.rae.es/index.html>>. Acesso em: 21 Out. 2015.

ZAMORA VICENTE, Alonso. **Qué es la novela picaresca**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Disponível em:
<<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccj8c1>>. Acesso em: 15 out. 2018.